

# AS PARTICULARIDADES DO "ENUNCIADO CONCRETO" E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO ESCOLAR-CIENTÍFICO

Rute Izabel Simões CONCEIÇÃO\*

## **RESUMO:**

*Nós propomos uma reflexão<sup>1</sup> sobre as particularidades do "enunciado concreto" e sobre sua relação com os gêneros do discurso, em especial o discurso escolar-científico, segundo a proposta de Mikhail Bakhtin (1992). Com base nessa teoria, analisamos a expressividade do enunciador – formandos em Letras do Estado de Mato Grosso do Sul –, por meio de fatos linguístico-discursivos, em enunciados do gênero "prova acadêmica", produzidos durante um evento de avaliação nacional. Os resultados da análise revelaram que 77% dos formandos apresentaram sérias dificuldades na elaboração das formas composicionais típicas do gênero e do campo da comunicação verbal em que ocorreu a situação enunciativa.*

## **RÉSUMÉ:**

*Nous proposons une réflexion sur les particularités de l' "énoncé concret" et sur sa relation avec les genres de discours, spécialement le discours scientifique scolaire, selon les travaux de Mikail Bakhtine (1992). A la lumière de cette théorie, nous avons analysé l'expressivité de l'énonciateur – des étudiants de la dernière année du cours de Lettres de l'Etat de Mato Grosso du Sul – au moyen de marques linguistiques discursives dans des énoncés du genre "preuve académique", produits dans le cadre d'une évaluation nationale. Les résultats de cette analyse ont révélé que 77% des étudiants ont présenté de sérieuses difficultés dans l'élaboration des formes compositionnelles typiques du genre et du champ de la communication verbale dans laquelle s'est produite la situation énonciative.*

**PALAVRAS-CHAVE:** enunciado concreto; expressividade do enunciador; discurso escolar-científico.

**MOTS-CLEF:** énoncé concret; expressivité de l'énonciateur; discours scientifique scolaire.

## **Introdução**

---

\* Professora da Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, bolsista CAPES/COFECUB, atualmente em estágio na Université Stendhal de Grenoble 3, na França.

Ligada aos estudos da dialogia da linguagem, conforme proposto por Bakhtin<sup>2</sup>, a reflexão sobre gêneros do discurso ganhou novos rumos e, conjuntamente, começou-se a investigar o "enunciado concreto". No Brasil, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, no final da década de 90, a discussão dessas questões tornou-se fundamental, especialmente para aqueles que trabalham com a formação de professores de língua materna e com o ensino da produção textual.

Considerando tal contexto, na primeira parte deste artigo, procuraremos explicitar o conceito de "enunciado concreto", diferenciando-o do conceito de oração. Para tal, discutiremos as particularidades constitutivas do enunciado visando a estabelecer a relação entre estes e os gêneros do discurso. Na segunda parte, analisaremos, por meio de fatos linguístico-discursivos, indícios da expressividade do enunciador (formandos em Letras) em enunciados do gênero "prova acadêmica" produzidos durante o Exame Nacional de Cursos em 2001<sup>3</sup>.

## **I. O conceito de "enunciado concreto" em Bakhtin**

Para compreendermos o conceito de "enunciado concreto", em Bakhtin (1992), é importante que tenhamos claro algumas questões fundamentais, entre elas: *que tipo de unidade é o "enunciado concreto"; quais são as particularidades do enunciado concreto e qual a relação entre enunciado e gênero.*

## **II. Que tipo de unidade é o "enunciado concreto": unidade da língua ou da comunicação verbal?**

O termo "enunciado", na língua russa, é denominado de *viskázivanie* que, derivado do infinitivo *viskázivat*, significa *ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos, etc. em palavras*<sup>4</sup>. Como se verifica, esse sentido que é dado ao termo *enunciado* remete ao ato concreto de uso da linguagem, que aponta para a enunciação como sendo de natureza sócio-histórica e, constitutivamente ligada a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo elos por onde circulam os discursos.

Nessa acepção que Bakhtin (1992) dá ao enunciado na exposição que faz na obra *Estética da criação verbal*, enunciado não se opõe a enunciação. E essa indissociabilidade talvez seja uma das grandes dificuldades enfrentadas por muitos para compreender o conceito de enunciado concreto, visto que na proposição de Émile Benveniste (1995 – 1966), a enunciação corresponde ao processo e o enunciado ao seu produto. Essa, no entanto, é uma dicotomia que não funciona no conceito de enunciado concreto conforme proposto por Bakhtin.

O enunciado, para o teórico, opõe-se à oração, pois, enquanto esta é uma unidade abstrata, uma unidade da língua, o enunciado é

considerado a unidade concreta da comunicação. Afirma o autor que a idéia que temos do conjunto do nosso enunciado pode exigir para sua realização apenas uma oração ou um grande conjunto delas. E, no enunciado, não ocorre apenas a combinação individual das formas linguísticas, estas se darão em função do gênero do discurso. O enunciado, portanto, apresenta certas características que não são encontradas na oração. Vejamos algumas delas:

- a) o enunciado pressupõe autoria, a oração não a pressupõe;
- b) o enunciado é uma unidade real da comunicação; a oração é uma unidade significante da língua;
- c) o enunciado pressupõe um acabamento específico determinado pelo querer-dizer, pelo tema e pelo gênero que possibilitam a atitude responsiva do "outro"; a oração possui acabamento gramatical construído por um único locutor;
- d) o enunciado possui fronteiras determinadas pela alternância dos sujeitos da comunicação; a oração tem fronteiras marcadas gramaticalmente, não pela alternância dos interlocutores e, por fim.
- e) o enunciado pressupõe uma expressividade, um estilo, uma posição valorativa em relação à realidade, enquanto a oração é neutra no plano dos valores da realidade.

Como se pode verificar, o enunciado possui certas particularidades que o caracterizam como uma unidade concreta da comunicação. É sobre tais particularidades que nos deteremos a seguir.

### **III. As particularidades do enunciado concreto: a alternância dos sujeitos, o acabamento do enunciado e a expressividade do enunciadador**

No cerne da concepção de enunciado concreto está a dialogia e o pressuposto de que este só se realiza na interação verbal. O princípio constitutivo do enunciado é a contraposição eu/outro, conforme poderemos constatar nas três particularidades que Bakhtin aponta como determinantes do enunciado concreto: *a alternância dos sujeitos da comunicação; o acabamento específico do enunciado; a relação do enunciado com o enunciadador e com os outros parceiros da comunicação.*

#### **• A alternância dos sujeitos da comunicação**

A alternância dos sujeitos da comunicação se dá tanto entre interlocutores numa relação face a face, conforme ocorre numa conversa cotidiana, como também se dá no interior do enunciado por meio da disseminação dos discursos dos outros parceiros da comunicação verbal, como numa obra completa, por exemplo. Bakhtin afirma que a alternância dos sujeitos se dá por meio do postulado de réplica, de modo que esta é a característica que

distingue o enunciado como a unidade da comunicação verbal. Sem o postulado de réplica, não se tem o enunciado concreto, tem-se uma unidade da língua (1992, p.291). E como funciona essa réplica?

A réplica se dá em função de uma posição definida que o enunciado ocupa numa dada *esfera/campo* da comunicação verbal, relativa a uma dada questão. Ao assumir uma dada posição, o sujeito manifesta sua visão de mundo, seu estilo, de modo que, para assumi-la, é necessário correlacioná-la com outras posições. Tais procedimentos criam fronteiras que distinguem uma obra-enunciado de outras obras-enunciados com as quais se relaciona em determinado campo da comunicação. Essas réplicas, chamadas de reações-respostas a enunciados anteriores (e também aos pressupostos) se dão em diferentes tons: de confirmação, de complementação, de recusa..., num diálogo permanente. Essa alternância dialógica determina o acabamento específico, segunda particularidade do enunciado concreto.

- **O acabamento específico do enunciado**

Bakhtin afirma que o acabamento é determinado por três fatores: a) *o tratamento exaustivo do tema; b) o intuito discursivo do locutor e c) as formas composicionais relativamente estáveis do todo*. Todos esses três fatores serão definidos em função do gênero e da esfera da comunicação em que circulam.

**a) O tratamento exaustivo do tema do enunciado:** este fator, especialmente na esfera das ciências da linguagem, campo do conhecimento que nos diz respeito, será sempre relativo, pois, teoricamente, o objeto do sentido, *o tema*, é inesgotável.

Participam da construção do *tema*, não apenas os elementos que tendem à estabilidade da significação, mas também os elementos extraverbais, que compõem a situação concreta e histórica de produção, de recepção e de circulação, de modo que o *tema* da enunciação é o componente da produção de sentido e efeitos de sentido que se dá em uma enunciação específica e irrepetível.

Bakhtin afirma que as palavras por meio das quais todo conteúdo temático é expresso recebem uma *entonação expressiva* que é decorrente do valor apreciativo que o enunciador imprime ao seu dizer. Assim, o tratamento exaustivo do tema, que dá um acabamento ao enunciado, só é possível na medida em que ele se torna *tema de um enunciado* e recebe uma determinada abordagem dentro dos limites do intuito discursivo definido pelo autor, pois todo tema sempre já terá sido tema de outros enunciados.

**b) O intuito discursivo do locutor:** este é o segundo fator e, embora possa ser tratado como um componente individual, deve ser analisado a partir da relação valorativa que o enunciador mantém, não só com o objeto de sentido, mas também com os enunciados dos

demais parceiros da comunicação. O intuito opera conjunta e concomitantemente com o tema do enunciado. Este poderia ser considerado o componente objetivo do enunciado e o intuito o componente subjetivo.

É por meio do intuito discursivo que o locutor delimita a amplitude e as fronteiras do tema de seu discurso e também as formas estáveis do gênero no qual será construído seu enunciado.

**c) As formas composicionais relativamente estáveis de gênero do enunciado:** as formas composicionais não devem ser analisadas sem se levar em consideração a esfera e o gênero em que se dá a comunicação verbal, pois esses dois aspectos lhe conferem uma estabilidade relativa, uma determinada especificidade. Considerando que toda comunicação se dá por meio de gênero e estes se dão em campos de comunicação verbal específicos, Bakhtin afirma que as formas composicionais *introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente e sem que sua estreita correlação seja rompida* (1992, p. 301), de modo que as formas do gênero (todos possuímos em rico repertório delas) nos são dadas quase como nos são dadas as formas da língua. Mesmo a conversa mais informal e cotidiana é elaborada em função do gênero.

Consciente da diversidade dos enunciados e dos gêneros que lhes correspondem, Bakhtin não propôs simplesmente uma tipologia, mas critérios que possibilitam o estudo e a classificação de cada gênero em sua especificidade, sem que se perca a visão do todo, isto é, da esfera de comunicação em que os gêneros circulam. O que não se pode perder de vista, ao se estudar os conceitos propostos por esse autor, é que a comunicação sempre se realiza num campo "tenso" em que ocorre uma luta constante entre a estabilidade advinda do gênero e da esfera e a instabilidade advinda do intuito do enunciador e da necessidade que tem de realizar as escolhas lingüístico-discursivas durante a composição do enunciado. Essa tensão entre o que é dado e o que é possível criar determina a expressividade do enunciador. Temos, assim, a terceira particularidade do enunciado concreto.

- **A relação do enunciado com o enunciador e com os outros parceiros da comunicação.**

Para Bakhtin, os parceiros da comunicação verbal são determinantes na composição do enunciado. Ele aponta que a composição e o estilo do enunciado não são determinados somente pela relação valorativa do enunciador com o elemento semântico do seu discurso e com o sistema lingüístico. Isto é, não basta, para determinação do estilo, considerar-se apenas a visão de mundo do enunciador e seus juízos de valor e emoção, nem o objeto de sentido do discurso e os recursos lingüísticos utilizados, há um outro fator que não pode ser deixado de lado: a relação do enunciador com os enunciados dos outros

parceiros da comunicação verbal. Este é um fator determinante, junto com os demais mencionados, do estilo composicional.

Uma das críticas que Bakhtin faz às análises tradicionais, é que a investigação do estilo passou a se dar desvinculada na noção de gênero (e de esfera da comunicação verbal). Conseqüentemente, esse tipo de análise passou a considerar somente a relação do locutor com o seu enunciado e com seu objeto de sentido, ficando a relação com os outros parceiros da comunicação desconsiderada. Essa desconsideração do "outro" na determinação da expressividade do enunciado, mata o enunciado concreto e torna a análise meramente formal, porque *os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos [...] Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva* (Bakhtin, 2003, p.297).

A concepção dialógica da linguagem proposta por Bakhtin pressupõe o outro como constitutivo do discurso e, portanto, a heterogeneidade como constitutiva da linguagem. Jaqueline Authier-Revuz (1998), inspirada na concepção dialógica da linguagem e no fato de que toda palavra é produzida no meio do "já-dito" dos outros discursos, descreveu as *não-coincidências do dizer*, dentre as quais destacamos a *não-coincidência do discurso consigo mesmo*. Neste caso, ao assinalar a presença estrangeira de palavras como pertencendo a outros discursos, um discurso desenha nele mesmo o traçado de uma fronteira que separa o que considera exterior ao discurso. Assim se constroem as fronteiras entre si e o outro, a partir das quais *o discurso produz em si mesmo, por diferença, uma imagem de si* (p. 193).

No que diz respeito à expressividade do enunciador, há campos em que em esta deve ser mais contida e campos em que há mais espaço para a sua manifestação. Por exemplo, nos discursos científicos, a expressividade deve ser contida e deve ceder espaço para a estabilidade das formas composicionais; no campo das artes, no entanto, o locutor terá mais liberdade expressiva, de maneira que esse é um campo mais propício às manifestações do estilo individual. De qualquer modo, tanto a estabilidade das formas composicionais, quanto a liberdade expressiva, ambas serão sempre relativas. Daí a importância da noção de gênero para a compreensão do conceito de enunciado concreto, questão sobre a qual cabe uma última observação que faremos a seguir.

#### **IV. Gênero e enunciado concreto**

Vimos que a relação entre enunciado e gênero é diferente da relação enunciado e oração, pois se esta é de natureza abstrata, aqueles são da ordem da utilização concreta da língua, de maneira que gênero e enunciado são de natureza semelhante. Bakhtin afirma que na forma

do gênero será construído o enunciado. Desse modo, pode-se dizer que o gênero é responsável pelas características composicionais entre diferentes grupos de enunciados. É por isso que ele afirma que ambos, gênero e enunciados, possuem *um tema, um estilo e uma forma composicional* e define gênero como *determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis* (2003, p. 266). Desse modo, enunciado e gênero estão íntima e indissociavelmente ligados e ambos se definem dentro de um campo da comunicação verbal.

Tomando como suporte o conceito de enunciado concreto e sua relação com os gêneros do discurso, na segunda parte, a seguir, analisaremos a expressividade do enunciador, a partir de marcas lingüístico-discursivas, em 75 enunciados concretos do gênero "prova acadêmica" produzidos por formandos em Letras do Estado de Mato Grosso do Sul, durante o Exame Nacional de Cursos, aplicado pelo Ministério de Educação e do Desporto, em 2001.

## **V. Análise de enunciados concretos do gênero "prova acadêmica": tensão entre a liberdade expressiva e a estabilidade das formas composicionais do discurso escolar-científico**

### **• caracterização da cena enunciativa**

Os enunciados concretos sob análise tinham por objetivo responder a uma questão<sup>5</sup> discursiva que visava a avaliar os conhecimentos lingüísticos e de língua portuguesa de formandos em Letras e, indiretamente, a instituição formadora. A questão do Exame solicitava que os futuros professores de Língua Portuguesa dessem três soluções para os problemas de coesão que encontrassem no segundo parágrafo do texto de uma criança de 10 anos. A citação da idade da criança a identificava como uma possível aluna do futuro professor. O texto da criança (doravante texto-base), produzido no gênero "narração de aventura", havia sido elaborado em uma situação de sala de aula e estava transcrito na prova.

A análise dos enunciados levará em conta a cena enunciativa que pode ser resumida da seguinte forma: os enunciados deveriam ser textualizados segundo as coerções do gênero "prova acadêmica", discurso escolar-científico, produzido no campo das Ciências da Linguagem. O conteúdo temático do enunciado da instituição centrava-se na avaliação dos conhecimentos teórico-práticos do formando no que diz respeito à coesão referencial.

Esses aspectos da cena enunciativa levariam o enunciador a mobilizar todo conhecimento que tinham, não só a respeito do tema em questão, como também das coerções genéricas que determinam formas composicionais típicas relativamente estáveis para o gênero

em que a textualização deveria se dar, para que a enunciação fosse validada para aquela situação comunicativa. Entre as coerções do gênero estão a necessidade do domínio da norma culta da língua portuguesa (escrita) e de uma metalinguagem específica que circula num determinado campo das Ciências da Linguagem, o da Linguística Textual.

Ainda, no que diz respeito às formas composicionais típicas do gênero em questão, os enunciados deveriam apresentar o uso das formas do *discurso relatado, especialmente na modalidade do discurso indireto em sua variante analisadora do conteúdo* (BAKHTIN e VOLOCHINOV, 1995, p.155 – 173), de maneira que o formando deveria, não só conter sua expressividade, como inter-relacionar discurso narrado e discurso citado ao compor seu enunciado.

- **Análise e discussão dos dados**

Os resultados da investigação permitiram a classificação dos 75 enunciados concretos em três grupos segundo as diferentes formas composicionais (doravante FC) que apresentaram:

**Grupo FC1:** Um grupo com 17 enunciadores (23%), que denominamos de FC1, cuja textualização de seus enunciados se deu em maior grau de acordo com as formas típicas do gênero:

**Exemplo de enunciado-resposta FC1 - E5<sup>6</sup>:**

*Na primeira oração, o pronome "eles" é usado repetidamente, quando poderia ser eliminado, pois o verbo já mostra a pessoa em que está conjugado. O pronome "que" e o advérbio "quando" também aparecem sem necessidade, assim como o substantivo "bezerros", que já havia sido mencionado anteriormente e poderia ter sido substituído pelo pronome oblíquo "os".*

*Na segunda oração o pronome ("que") "eles" poderia ser evitado, pois a sua colocação na oração tornou-a incoerente, sem sentido.*

*Na última oração o pronome relativo "que" e o verbo "ser" no pretérito, poderiam ser substituídos por uma vírgula.*

*Dessa forma o texto ficaria mais coeso e objetivo.*

**Grupo FC2:** Um grupo com 23 enunciadores (30,5%), que denominamos de FC2, cuja textualização de seus enunciados se deu parcialmente em acordo com as formas típicas do gênero:

**Exemplo de enunciado-resposta FC2 – E36:**

*O texto tem unidade temática, mas o assunto não girou em torno do tema proposto. As idéias ficaram dispersas e confusas, pois falou de um monte de assunto e não falou de nada.*

*A falta de elementos coesivos rompeu com a continuidade da idéia.*



*O texto deve partir de uma unidade, obter elementos coesivos e ser mais objetivo, assim o texto terá sentido. A idéia do texto é muito boa e o tema "O outro lado da ilha" daria uma bellissima história.*

**Grupo FC3:** Um grupo com 35 enunciadores (46,5%), que denominamos de FC3, cuja textualização de seus enunciados se deu em desacordo com as formas típicas do gênero:

**Exemplo de enunciado-resposta FC3 - E1:**

*No meio da noite, acordarão com o barulho dos bezerros, que estavam assustados ao verem um carangueijo gigante.*

*Matarão o carangueijo, amarrarão o barco perto deles, ascenderam uma fogueira e aguardarão o dia amanhecer.*

Os enunciados classificados como FC1 procuraram apresentar uma análise centrada em aspectos da coesão referencial do texto-base – este, entendido como um discurso citado no enunciado concreto da instituição – procurando demonstrar os dados por meio de uma intertextualidade explícita, o que resultou na manutenção de uma distância nítida entre o discurso narrado e o discurso citado, evidenciado pelo uso de aspas para marcar o discurso do "outro", quando da transposição da enunciação citada.

Ao centrarem a análise no conteúdo temático do enunciado proposto pela instituição, atenderam a um requisito das formas composicionais do gênero em questão: conter a expressividade do enunciador. Como se sabe, o discurso científico se marca pela não-vinculação do discurso à subjetividade do enunciador. A busca da adesão do co-enunciador se dá por meio da vinculação do discurso aos fatos que procura demonstrar para comprovar a tese defendida. Maria J. Coracini (1991) aponta algumas características do discurso científico, as quais retomamos, aqui, para exemplificar como ocorre a construção da "neutralidade", isto é, a contenção da expressividade do enunciador nesse tipo de discurso:

*a) o locutor , situando-se num espaço que transcende ao da sua individualidade, dirige-se a um interlocutor tomado também genericamente, o interlocutor-especialista, a quem pretende persuadir através da evidência (provas, demonstrações cientificamente comprovadas) e das convenções argumentativas que pretendem a objetividade e a neutralidade;*

*b) no desejo de envolver e engajar seu interlocutor, o locutor busca mostrar a validade dos seus argumentos obedecendo às normas impostas pela comunidade científica, tais como: uso da linguagem na 3ª pessoa, modalidades lógicas, intertextualidade explícita, dentre outras formas de fazer transparecer no texto a objetividade científica;*

*c) o jogo de interesses (de poder) se acha, em geral, velado, em nome do saber acadêmico;*

*d) faz uso de uma terminologia que deve ser adequada à teoria sustentadora, cujo interlocutor-especialista domina, de modo que são eliminados do texto detalhes considerados desnecessários. No grande público, esses procedimentos provocam uma reação de inferioridade e admiração. O discurso se torna hermético para o leitor não-especialista.*

Esses aspectos apontados pela pesquisadora corroboram o que Bakhtin postula sobre o fato de que os discursos não se produzem numa liberdade total e sem se vincular a uma esfera da comunicação, seja ela a das ciências, a das artes, ou mesmo a da vida cotidiana.

Os textos classificados como FC1, no entanto, apesar de procurarem centrar a análise no conteúdo temático do enunciado da instituição, sempre que citaram a enunciação do texto-base, realizaram explicitamente comentários apreciativos dos recursos lingüísticos utilizados por aquele enunciador, como se constata a seguir nos trechos destacados de E5:

*... o pronome "eles" é usado **repetidamente**, quando poderia **ser eliminado** [...]. O pronome "que" e o advérbio "quando" também **aparecem sem necessidade** [...] que **já havia sido mencionado anteriormente** [...] "eles" poderia **ser evitado** [...] tornou-a **incoerente, sem sentido**. [...] o texto **ficaria mais coeso e objetivo**.*

Observa-se que a apreciação sempre procura desqualificar aquela enunciação de modo que funciona como um reforço ao distanciamento do discurso do "outro" (o enunciador do texto-base) que aparece marcado por aspas. Essa marca de *não-coincidência do discurso consigo mesmo* acompanhada da avaliação negativa da enunciação indica que essa enunciação deve ser considerada como exterior ao discurso do "eu", como algo que veio de fora, que está ali mencionado, mas não deve ser confundido com o discurso do "eu". Nesse caso, o formando parece supor que a desqualificação da enunciação do "outro" é a melhor estratégia para marcar a diferença entre os discursos e para obter a adesão do co-enunciador de quem quer se aproximar, o especialista da Área, representado pela Banca Examinadora.

No que diz respeito ao modo de abordarem o conteúdo temático do enunciado da instituição, os enunciados classificados como FC1, quando utilizaram uma metalinguagem, ao citarem e se referirem aos recursos lingüísticos do texto-base, o fizeram por meio de três formas diferentes:

- 1) de forma mesclada utilizando, ora a terminologia da Linguística Textual, ora a terminologia da Gramática Tradicional, esta com maior frequência, como exemplificamos a seguir:

E21: [...] *Porém (conjunção adversativa – manter a coesão); contudo (conjunção adversativa – fechar o elo coesivo entre os parágrafos narrados);*

E2: *O sujeito (eles) pode ficar elíptico, visto que o verbo pressupõe sua existência mas o indetermina [...] desta forma concluir que seria sujeito indeterminado eles...*

- 2) sem classificar o termo citado, como em:

E29: *1º tirar o 2º "eles" pois perceberam corresponde a eles. 2º tirar "que quando" a repetição sem necessidade. 3º tirar "que era".*

- 3) de forma equivocada, como em E6, em que a marca temporal “quando” e o referente “eles” são denominados (indiretamente) de preposições:

E6: *A redundância das palavras quando e eles podem ser substituído por uma vírgula ou **outras preposições**.*

Esses procedimentos indiciam que os formandos:

- a) não estavam muito familiarizados com a metalinguagem segundo os aportes teóricos da Linguística Textual (LT), embora tenham percebido que esta foi a teoria linguística utilizada pelo enunciado da instituição (caso 1);
- b) não estavam familiarizados com nenhuma metalinguagem, de modo que evitaram utilizar qualquer uma (caso 2);
- c) não estavam familiarizados com nenhuma metalinguagem, mas arriscaram o uso, ainda que de forma equivocada (caso 3).

Mesmo entre os 23% dos enunciadores classificados como FC1, e que foram, portanto, os que mais se aproximaram dos registros adequados para expressão segundo as coerções genéricas em questão (em que há o predomínio de uma interlocução formal), as dificuldades apresentadas são de toda ordem, o que indica que terão que superar vários desafios no que diz respeito aos conhecimentos lingüístico-discursivos ligados, especialmente, a gêneros que circulam em ambiente de interlocução formal, mas não só, necessários àqueles que se propõem a trabalhar com o ensino da língua materna.

Se considerarmos, ainda, que a função metalingüística é fundamental para sustentar os discursos sobre a língua e que o maior problema dos futuros professores não foi só a escolha desta ou daquela metalinguagem, foi, na verdade, o fato de não terem como fazer a escolha, pode-se dizer que estamos diante de um problema cuja responsabilidade não pode ser atribuída aos formandos, mas deve ser tratada no âmbito das políticas educacionais e no âmbito das instituições formadoras.

A seguir, analisaremos o modo como 77% dos enunciadores, os classificados como FC2 e FC3, mobilizaram os recursos expressivos que tinham disponíveis para dar conta da interlocução em que estavam envolvidos.

Nos enunciados classificados como FC2 houve o emprego, de certo modo, de uma análise da enunciação do texto-base sem, contudo, citarem os dados da enunciação avaliada. O foco da atenção recaiu sobre conteúdos tangenciais e genéricos como se pode observar nessas passagens em que E36 afirma: *As idéias ficaram dispersas e confusas [...] A falta de elementos coesivos rompeu com a continuidade da idéia.[...] O texto deve [...] ser mais objetivo.* Citar genericamente os problemas encontrados no texto-base, sem precisá-los, sem explicitá-los é assumir uma postura que revela uma

preocupação em buscar a adesão do co-enunciador por meio da desqualificação da enunciação do outro em vez de descrever e analisar o problema sobre o qual sua enunciação deveria centrar-se.

Essa postura indicia dois modos de se relacionar com as formas composicionais do gênero em questão: de um lado, evidencia que não houve a apreensão do conteúdo temático do enunciado da instituição, ou, caso tenha sido apreendido, ficou evidente, na análise que fez, o não-domínio da abordagem teórica em questão. Ao desviar o foco da análise do conteúdo temático do enunciado da instituição, para a avaliação da expressividade do enunciador do texto-base, apresentou um estilo composicional em desacordo com as formas composicionais do gênero em que se dava sua enunciação. Esses dados revelam uma expressividade do enunciador não condizente com as formas típicas do gênero em questão.

Os enunciados classificados como FC3, ao organizarem sua réplica por meio da reformulação do discurso citado (texto-base) no interior do enunciado da instituição, transformando o discurso reformulado no todo de sua enunciação, sem introduzi-lo por meio do discurso narrado, sem apresentar uma análise por meio do discurso indireto, empregaram formas composicionais que descaracterizaram o gênero em que sua enunciação deveria se dar. *A análise*, afirma Bakhtin, é a *alma* dos discursos de natureza científica, pois ela permite que o autor exponha as opiniões de outrem sobre determinado assunto, podendo opô-las, delimitá-las, apoiá-las, de modo que, sem ela, os enunciados concretos em questão desfiguram-se (BAKHTIN e VOLOCHINOV, 1995, p. 161).

Esse procedimento indicou que os formandos não apreenderam a instituição como um dos interlocutores. Nem mesmo apreenderam o enunciado proposto pela instituição como um todo, pois a citação do "discurso da menina de 10 anos" foi tomada como um enunciado independente daquele. Nesse sentido, esses enunciadores não responderam à instituição, dialogaram somente com o aluno. E esse diálogo se marcou pela suposição que, diante do texto do aluno, ao professor cabe a tarefa de "corrigir o texto" por meio de uma "correção resolutiva" (SERAFINI, 1994) supondo que, desse modo, resolverá os problemas detectados. Essa é uma explicação possível para a proposta de reformulação do texto-base conforme efetivada pelos enunciadores do grupo FC3.

No que diz respeito à reformulação apresentada por E1, destacaríamos dois indícios, dentre vários outros que poderiam ser analisados: o primeiro, é que o formando apresenta dificuldades para elaborar as formas composicionais do gênero no qual deveria se expressar na situação comunicativa em que estava envolvido; o segundo é que ficou evidente que, assim como a criança de 10 anos, o formando tem um precário domínio da norma escrita. Seu texto apresenta problemas ortográficos básicos, como na grafia da terceira

pessoa do plural do pretérito perfeito dos verbos "acordar/acordaram"; "matar/mataram"; "amarrar/amarraram" e "aguardar/aguardaram" em que os grafou no futuro do presente. Curiosamente, grafou a terminação do verbo "acender/acenderam" diferente dos demais. Nesse caso, pode-se observar que o formando centrou sua atenção, não mais na dúvida que tinha entre a grafia do pretérito e do futuro, mas na representação gráfica do arquifonema /s/ que, entre os modos de ser grafado, apresenta o dígrafo "sc" (que seria o caso de ascender/ascensão). Esse gesto de grafar o verbo "acenderam" com "sc" pode ser entendido como um alçamento, sem lograr êxito, no entanto, ao domínio da norma escrita, na medida em que, ao optar por uma grafia considerada exceção na Língua Portuguesa, o formando poderia estar supondo demonstrar um conhecimento que o distinguiria da aluna de 10 anos. Um outro caso, é o da grafia da palavra "caranguejo". Nesse caso, produz uma hipercorreção, provavelmente, amparado na hipótese de que a aluna havia suprimido o "i" por desconhecer a necessidade de marcar graficamente o "i" suprimido na pronúncia de algumas palavras, quando está diante do /ʒ/, como no vocábulo "beijo" [beʒo]. A grafia do vocábulo "caranguejo", no entanto, não possui o ditongo "ei", suposto pelo acadêmico. Desses dois procedimentos, depreende-se um indício de *expressividade* desse enunciador que se alça para a construção de um *ethos* do saber, isto é, daquele que sabe e "faz-crer" que é conhecedor dos meandros da ortografia e da fonologia da língua, bem como dos efeitos da variação linguística na grafia.

Pode-se verificar, nesses gestos, a influência determinante de dois co-enunciadores, a aluna e a banca examinadora, na determinação da expressividade do enunciador e, conseqüentemente, das marcas expressivas que indiciam o processo de construção estilística do enunciado. Ao tomarem a aluna como co-enunciadora, representam-se como o professor que fala do alto, que não modaliza ao avaliar a enunciação do texto-base (conforme FC1 e FC2) e que "corrige" a enunciação propondo uma total reformulação ao texto-base (conforme FC3). Ao tomarem o especialista da Área como interlocutor, procuram demonstrar o domínio da teoria linguística requerida para envolver seu interlocutor e demonstrar, sem obter sucesso pelas faltas que lhes são óbvias, a validade dos seus argumentos obedecendo as coerções impostas pelo campo em que se dá sua enunciação, o da comunidade científica.

Mais importante do que olhar para este ou para aquele problema linguístico que o enunciado apresenta, é poder olhar para o processo de construção do enunciado e verificar que eles revelam muito mais que problemas linguísticos.

A análise desses enunciados, do ponto de vista linguístico-discursivo, é reveladora de uma falta que abrange boa parcela dos jovens brasileiros. Torna-se preocupante, quando os jovens avaliados

deveriam se inscrever na linguagem escrita não como iniciantes, pois se tratam de futuros professores de Língua Portuguesa que irão formar outros jovens. Revela também, que não se pode atribuir a culpa pela falta de domínio básico de recursos lingüísticos e discursivos a uma falha do formando, pois tais constatações apontam para outros lugares, inclusive para uma omissão que abrange a todos, a começar pelo sistema educacional brasileiro que, devendo ser de inclusão, revela-se de exclusão em sua base formadora.

Um dos méritos do estudo da produção escrita por meio do estudo do enunciado concreto e de sua relação com os gêneros do discurso e a esfera de comunicação verbal em que se realizam, é que este deve ser enfrentado em sua historicidade e concretude. Olhado desse ponto de vista, não se pode restringir a análise da enunciação apenas à perspectiva lingüística, de modo a dissociar o produto do processo, pois os fragmentos, as faltas e mesmo os excessos sinalizam para a existência de um conjunto de saberes que o sujeito enunciador construiu ou deixou de construir no contexto de letramento em que esteve inserido. E essas questões precisam incomodar a todos nós a ponto de mobilizar, não só aqueles que, por estarem diretamente ligados ao problema, tentam encontrar soluções, mas à sociedade brasileira como um todo, cuja omissão e conformação só faz aprofundar as diferenças sociais, culturais e econômicas, em muitos casos, aceitas como normais.

## **Bibliografia**

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline (1998). **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Tradução de Morello, R e outros. Campinas: Editora da UNICAMP.

BAKHTIN, Mikail (Volochinov). (1995-1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Lahud, M. e Vieira, Y. F. São Paulo: Hucitec.

BAKHTIN, M. (1992-1979). **Estética da criação verbal**. Trad. Pereira, Maria E. G. G. São Paulo: Martins Fontes.

BAKHTIN, M. (2003-1979). **Estética da criação verbal**. Trad. Bezerra, Paulo. São Paulo: Martins Fontes.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral I**. (1995 – 1966). Trad. Novak, M. e Neri, M.L. Campinas: Pontes.

CORACINI, Maria José R. Faria. (1991). **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da Ciência**. São Paulo: Pontes & EDUC.

SERAFINI, Maria T. (1994). **Como escrever textos**. São Paulo: Globo

---

<sup>1</sup>Este trabalho é vinculado às reflexões realizadas em nossa pesquisa de doutorado.

<sup>2</sup> Cf. Bakhtin e Volochinov (1995-1929)

<sup>3</sup> A autorização para o uso do material foi concedida pelo INEP-MEC, conforme ofício INEP/DAES nº. 001708/2002 de 02/04/2002. Agradecemos ao prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (orientador PPGDLCV/Universidade de São Paulo) pela cedência do material. O total de examinados no Mato Grosso do Sul foi de 511 universitários. A amostra dos examinados nesse Estado, liberada pelo MEC, corresponde a 15% desse total.

<sup>4</sup> Cf. Bakhtin (2003, p. 261) em nota de rodapé do tradutor.

<sup>5</sup> A prova, no seu todo, era composta de 40 questões objetivas (peso de 50%) e três questões discursivas (peso de 50%), sendo que uma delas, a que deu origem ao *corpus* de análise neste trabalho, visava a avaliar os conhecimentos lingüísticos e de Língua Portuguesa dos acadêmicos. Havia, ainda, 13 questões que buscavam informações das impressões sobre a prova (não valiam nota).

<sup>6</sup> Nossa intervenção nos textos limitou-se à digitação dos manuscritos.